

Título: Efeito midriático da fenilefrina a 10%: comparação entre instilação de gotas em olho aberto e vaporização em olho fechado

Autor(es) Anna Carolina Silva da Fonseca; Arlindo José Freire Portes; Camila Monteiro Ruliere; Luiz F. Lobo Ferreira; Nicole Martins de Souza

E-mail para contato: portes@uol.com.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Solução oftálmica, administração tópica, Olho/Efeito de drogas

RESUMO

Todos os dias milhões de Brasileiros instilam colírios em seus olhos, que permanecem como a pedra angular do tratamento de várias doenças oculares. Ao contrário dos tratamentos médicos baseados na ingestão de medicamentos por via oral, o uso correto de colírios depende de uma técnica de administração baseada em movimentos de coordenação motora fina associada à visão adequada. Vários estudos demonstraram que o uso incorreto de colírios pode acarretar o aumento da absorção sistêmica das drogas, com conseqüente maior toxicidade. O uso incorreto ocorre quando se usa número excessivo de gotas por aplicação ou número excessivo de aplicações das gotas, ou se toca os tecidos oculares com a ponta do frasco aplicador. Alguns dos mais importantes fatores que levam os pacientes a não aderirem adequadamente ao tratamento com colírios podem estar relacionados à instilação incorreta destes que eleva o custo da terapêutica. Este trabalho teve por objetivo comparar a eficácia da fenilefrina a 10% aplicada por vaporização em olho fechado em relação à instilação de gota em olho aberto em pacientes que irão realizar exame de fundoscopia e avaliar a dificuldade entre os métodos de administração. Trata-se de um ensaio clínico controlado, randomizado, mascarado e pareado realizado no segundo semestre de 2014, de setembro a novembro, em 50 pacientes da Policlínica Ronaldo Gazolla – RJ, com média de idade de 64 anos, sem doenças oculares ou sistêmicas que comprometiam a dilatação pupilar. Cada paciente instilou 1 gota do colírio de fenilefrina a 10% em um dos olhos aberto, e aplicou por vaporização o mesmo midriático no outro olho fechado. A escolha do olho foi aleatória. Depois, os pacientes responderam a um questionário com perguntas pré-formuladas sobre o nível de dificuldade entre os métodos. Aspectos relacionados à adequação técnica da administração também foram observados e classificados pelos autores. O diâmetro das pupilas foi medido antes da administração tópica, 10, 20 e 30 minutos depois com um pupilômetro. A análise estatística foi realizada utilizando o software RStudio e ANOVA para medidas repetidas. A diferença entre os métodos de aplicação não gerou alteração clínica significativa entre as midríases quando os tempos avaliados foram os mesmos para vaporização e instilação de gotas. Dificuldade para aplicar o vaporizador foi relatada por 34% dos pacientes, enquanto 8% relataram dificuldade na aplicação da gota. A maior dificuldade foi de mirar e acertar o olho em ambos os métodos. Não houve diferença estatisticamente significativa quanto a dificuldade de administração tópica entre a vaporização e a instilação de gotas. Houve toque da ponta do colírio na pálpebra, cílios ou olho em 60% dos casos e vaporizador em apenas 12% dos casos. A adequação da técnica de vaporização, mostrou-se superior devido ao menor risco de contaminação do frasco.